

vida literária

UM NOVO ROMANCISTA BRASILEIRO

de ROGÉRIO FERNANDES

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 170

JOÃO DE BARROS

por MANUEL MENDES

A estreia que João de Barros percorreu, na sua sincera obra de poeta, é caminho raro, do qual se não conhecem antecedentes nem tradições, a não ser porventura esporádicos, no velho e caudaloso curso da nossa poesia. O manifesto fervor do sentimento hedonístico, que nele a tudo o mais prevalecia, foi intento de raiz, estreme e vivaz, perseverante no credo da beleza e no impulso da força criadora. Cantou de alma livre o prazer da vida como ideal sumamente apetecido, teve a alegria por designio supremo do homem, e não se cansou de a louvar como a felicidade mais alta e pura — anseio, pulcritude, sonho ambicionado de todo o coração robusto. Não foi outro o motivo predilecto e cativante da sua arte, o céu em que se lhe desluciu o voo da inspiração confiada, e, certamente, daí advem a sua incontestável originalidade de poeta, cujo canticado desgarrado tão bem se distingue no coralamento das nossas vozes, clamor negro e tristonho de desgraça, que tudo parece querer avassalar.

Ao rebelar-se contra as sombras do persistente pessimismo, que de maneira sistemática envolvem a poesia nas trevas do desespero e da desilusão, se instauram, dir-se-ia co-

mo lhe coube um lugar á parte entre os nossos trovadores. No entanto, para os cativos homens, a poesia há-de ser sempre o reino ditoso da liberdade, por milagre instituído neste mundo próspero e o poeta é livre de ser desaperado ou optimista, de amar a seu triste prazer a Lua espectral, ou preferir a tudo o clarão do arrebol. Pode ser um apóstolo, um herói, um mártir, mas acima de tudo compete-lhe a condenação de cantar, traga a esperança por guia e consolo, ou ponha na morte o seu taciturno ideal, isso não importa.

(Continua na página central)

LIVROS E LEITORES

Na pág. 27



João de Barros

mo tema de anseio comum, ele preferiu, com quanta paixão lhe coube no peito, apregoar a esperança, a clara e fecunda luz que nos alumia no sol de cada jornada, seduzido, exaltado pelas perspectivas alucinantes que o futuro abre ante nossos olhos. Ergueu a voz com o vigor de um protesto, fervido de entusiasmo e amor á vida, a resplender de plena confiança e de radiosa alegria. Afoita em seu jubilo, assim o inspirou a musa revoltada contra as trevas e a inanição da alma vencida, instigando-o á desobediência, induzindo-o á sublevação. Tomado o seu partido, a postos no campo em que se iria bater, o poeta levantou-se na eloquência do mais vivo alvoroço. Cantou hinos de vitória a celebrar o deslumbramento da luz, a energia feraz e esperançosa que nos anima, o sonho dos sonhos, que como um forte vento arrasta a nossa barca.

O que das veras da alma, e por vezes colérica, a sua musa repudiava, era o desalento dos quebrantados, a laurenta melancolia em que cuidava ver as almas dissolvidas, este nosso perpétuo carpir, nas dolentes endechas da desgraça e nas lamentações elegíacas, por demais gemidas e chorosas. Quis antes a exaltação de uma poesia soprada pelo salutar entusiasmo de viver, maravilhou-o o som viril dos clarins, o

“O Dicionário Biográfico Universal de Autores” em Portugal

A Artis acaba de firmar contrato com a Casa Editora Valentini Bompiani, de Milão, para a edição em língua portuguesa do célebre «Dicionário Biográfico Universal de Autores», cuja publicação será iniciada em Janeiro de 1962. Trata-se de uma obra de excepcional interesse cultural, considerada pela critica estrangeira responsável como «única no Mundo», não só pelo esforço editorial que representa, mas, sobretudo, pelo nível dos colaboradores que nela intervieram. Vasto repositório do génio humano, o «Dicionário Biográfico Universal de Autores» é tido como uma das mais sólidas interpretações do pensamento de todos os tempos e de todos os países,

(Continua na 28.ª página)

PICASSO, PINTOR DE “LA GANA” SAUDADO POR ALMADA

«Le malin, il saits. Diz-se em Paris de Picasso. Traduzido em português vulgar: o patife sabe».

Neste nosso século XX, o primeiro século incisivamente visual desde da Renascença e da Idade Média; neste século XX tão bem previsto no XIX pela luminosa re-

volução impressionista (ponto-final das artes por encomenda) encontrou-se por esta traçada e livre o caminho lúcido dos autores de arte.

Secularmente sempre atendida individualmente esta lucidez do autor de arte, agora os impressionistas tomava em verdadeira no-

vidade afinal os seus perpétuos e legítimos foros da unanimidade.

Ora uma unanimidade é precisamente o sinónimo da maior extensão na diversidade dos seus componentes. Era o que pretendia o im-

(Continua na 19.ª página)



Aos 80 anos, Picasso enfrenta o mundo desta forma: devora-o

ALMADA SAUDA PICASSO

(Continuação da 17.ª página)

pressionismo: a unanimidade. A bomba não explodiu só para um lado. Quimicamente não preferia ou excluía nenhum dos múltiplos sentidos das causas da sua revolta. O alvo impressionista resumia tudo á unanimidade de arte. O acaso se encarregaria depois da deflagração de preferir ou excluir por fatalidade de moda cada um dos seus infinitos alvos.

Já no impressionismo a sua conquista de unanimidade fica selada pela diversidade no sentido pessoal de cada pintor: Monet, o autopsia- sensível da sensibilidade pelo visual; Seurat, o ortodoxo da proporção; Cézanne, o nova perpétuo fundador do perpétuo da arte que não tem fim senão começo.

E logo no cubismo, primeira feição nascida do impressionismo, se reflecte, como é devido, diversidade de semelhante no sentido pessoal de cada pintor: Braque, o artesão, o patrão, o mestre, a medida, o carquitecto; Matisse, o narciso da sensibilidade (sei faz fonte-de-me-me connaitre sa sensibilité Matisse); Juan Gris, o monge (Zurbaran) do cubismo, o ortodoxo da proporção, irmão mental de Seurat; Picasso, caso pessoal por excelência, nada-imprevisto pelo impressionismo, mas visceralmente ligado precisamente á luz imediatamente pré-impressionista, Greco, Valasquez, Goya (seus conterraneos), Itália (Picasso, apelido italiano), isto é, toda a bagagem — bagagem-Picasso — Picasso do intemporal de Arte, bagagem sem a qual não há pintor.

Picasso e Matisse são os menos cubistas do cubismo. Matisse assombrado pela sensibilidade decide por isto mesmo inconsciente o mental. Picasso grandemente presente no cubismo é antes um ferrenho crente do que um cultor discursivo das perpétuas leis da unanimidade de Arte.

Picasso e Matisse deixam de ser

cedências em Arte (as quais ficaram todas e cada uma arquivadas em originaes assinados Picasso), e é necessário completá-las com outras espécies da sua ascendência, por exemplo, as de sangue. Tem o publicar esta última palavra tratando de Arte que não se aceite ser por excelência Arte a atitude humana a mais liberta de prejuízos sociais, ser ela voluntariamente a mais tremenda decisão de instante hoje-sempre, e a abnegada em sempre-se mesmo onde e quando não exista a vida onde todos cabem. Tudo isto faz ser Arte a atitude humana a mais tremendamente ligada a solo e a não-idade.

Mas parabéns, no caso Picasso as ascendências de sangue foram todas em seu e nosso favor. A Espanha incluiu-o nela. O perfil geográfico de Picasso é a Península Ibérica. A sua mimica de pintor é a de personagem vitalício da tragédia (no sentido clássico de Arte) chamada Espanha. A feição característica deste e de todos os personagens desta tragédia tem significado de linguagem difícil de traduzir directamente do idioma espanhol: «la gana». Sem esta não há efectivamente acesso para um modal da Arte intemporal.

O cognome de lei que pertence a Picasso é o de pintor de «la gana»; «Guernica». Este cognome pertencera já a Goya: «dos de Mayo». Mas a linguagem para «Guernica» de-veo Picasso ao impressionismo e mais evidentemente ao cubismo. O cubismo, fundamental modal de Arte intemporal não podia deixar de ser e de ter sido senão enunciado. «La gana» não podia ser o imediato do cubismo. Mas depois da unanimidade impressionista era precisamente o cubismo o passo primeiro para «la gana», ainda que esta «la gana» seria a prevista da unanimidade impressionista, não ainda «la gana» pessoal, á Picasso, genial. Sem mediato não se expressa em arte «la gana». Um mediato

cubismo, e de que há hoje milhões de exemplos pessoais, com arte abstracta, sinónimo de Arte intemporal, e que até agora ainda não fez nenhum casamento com uma «la gana» pessoal) fez-se a primeira conclusão impressionista-cubista: unanimidade de todos e qualquer modal no intemporal de Arte. Isto é, o conhecimento, a comunicação asfixiam toda «la gana» pessoal que não se reconheça a si mesma fixada no mediato abstracto perpétuo, por conseguinte unanime.

E isto já começou a acontecer agora no mundo de arte: todo o figurativo feito, hoje ainda é póstumo, ou seja, já é o ilegítimo do nosso tempo. E entretanto o abstractionismo cobriu já toda a superfície do nosso planeta em facto consumado. É evidente que comanda: o unanime abstracto perpétuo.

Sabem-no demasiado os comerciantes de quadros e respectivos críticos a seu reboque, ou vice-versa, estes teimosos de que arte é de privilegiados, prefabricando futuros géminos com o agulhão assustador das ultrapassagens em arte moderna, não desconhecendo que recusam apenas o condenado forçoso das artes de encomenda.

Pois bem, a quem saiba de ultrapassados diz-se que também há o inultrapassável.

Ultrapassado (palavra esta que tem morto tanta gente nova logo á nascença de arte) não é aplicável por exemplo a impressionismo e a cubismo, os quais já ficavam indelévelmente inscritos no eterno presente de arte, não como passo progressivo (o que não cabe em arte) mas como perpétua idade sensível e mental (o exclusivamente mental é pertença exclusiva de arte) da unanimidade dos que vivem arte.

O cubismo não ultrapassou o impressionismo; o cubismo viu o impressionismo. Picasso viu o cubismo. Por conseguinte, também viu o impressionismo. Por conseguinte, também viu o impressionismo.



Toureiro



Banhista



«Clown»



Demagogo

"Le malin, il sait." Diz-se em Paris de Picasso. Traduzido em português vulgar: "o patife sabe."

As duas primeiras linhas do texto de Almada

apenas casos modais no cubismo, indelévelmente cubistas, para representarem antecipações do resultado impressionista-cubista, para cumprir pessoalmente o primeiro fenómeno legítimo e consequente da unanimidade impressionista seguida pelo discursivo cubista desta unanimidade: a coerência e o absoluto de cada caso pessoal de arte. Efectivamente ambos parecem esgotar até á última todas as suas possibilidades temporais de Arte. E estas possibilidades ficam dependentes de caminho, seu coevo, na Arte intemporal.

Mas não se abarcará todo o caso Picasso apenas com as suas ante-

para «la gana» pessoal excede o cubismo. Este quer o mediato unanime para toda a espécie de «la gana» pessoal. Porque arte não é de modo nenhum coisa de privilegiados, é um privilégio unanime de nascença.

Picasso antecipara um resultado no resultado previsto impressionismo-cubismo. Antecipara-o até como se não tivessem sido um e outro. Mas para tanto, para a linguagem da sua «la gana» serviram-no o impressionismo e o cubismo.

Com o advento do abstractionismo (não confundir abstractionismo que é afinal o instrumento mesmo do impressionismo e do

viu toda a História de Arte. Por conseguinte, e sobretudo, também viu o intemporal de arte. Por conseguinte, ficam em condição finalmente de se iniciar na conquista do inultrapassável.

Inultrapassável não é privilégio é conquista. Privilégio em arte há um só: unanime, de todos, á nascença. O que Picasso (le malin qui sait) sabe do inultrapassável, ele mesmo o diz a seu modo: «son como o elefante: com a idade crescem-me os dentes».

Somos testemunha: Picasso entrou inultrapassável no eterno presente de arte.



Picasso desenha touros sob o «olho» vigilante da máquina

fotográfica: a arena, o touro, o cavalo e... Dominguin